

## A REPRESENTAÇÃO DE LÚCIFER: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CONCEITO CRISTÃO E PAGÃO

Recebido em: 23/01/2023

Aceito em: 29/03/2023

DOI: 10.25110/akropolis.v30i2-002

Charlisson Mendes Gonçalves <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo realizar uma análise comparativa da representação de Lúcifer em diferentes tradições religiosas, filosóficas e culturais, buscando compreender sua complexidade e sua relevância na sociedade contemporânea. A metodologia utilizada consistiu na revisão bibliográfica de estudos acadêmicos recentes, que permitiu identificar as diferentes interpretações e significados atribuídos a essa figura ao longo da história. A discussão interdisciplinar realizada permitiu compreender a ambivalência e a complexidade desse símbolo, associado tanto à rebelião, à liberdade e à iluminação, quanto ao mal, à sedução e à tentação. A relevância do tema é evidenciada pela persistência de Lúcifer na cultura popular contemporânea, que continua a inspirar artistas, escritores, músicos e cineastas, que encontram nessa figura um símbolo poderoso e multifacetado para expressar diferentes ideias e sentimentos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lúcifer; Cristianismo; Paganismo.

### THE FIGURE OF LUCIFER: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE CHRISTIAN AND PAGAN CONCEPT

**ABSTRACT:** This article aimed to carry out a comparative analysis of the figure of Lucifer in different religious, philosophical and cultural traditions, seeking to understand its complexity and relevance in contemporary society. The methodology used consisted of a bibliographical review of recent academic studies, which allowed identifying the different interpretations and meanings attributed to this figure throughout history. The interdisciplinary discussion carried out allowed us to understand the ambivalence and complexity of this symbol, associated both with rebellion, freedom and enlightenment, and with evil, seduction and temptation. The relevance of the theme is evidenced by Lucifer's persistence in contemporary popular culture, which continues to inspire artists, writers, musicians and filmmakers, who find in this figure a powerful and multifaceted symbol to express different ideas and feelings.

**KEYWORDS:** Lucifer; Christianity; Paganism.

### LA FIGURA DE LUCIFER: UN ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE EL CONCEPTO CRISTIANO Y EL PAGANO

**RESUMEN:** Este artículo tuvo como objetivo realizar un análisis comparativo de la figura de Lucifer en diferentes tradiciones religiosas, filosóficas y culturales, buscando comprender su complejidad y relevancia en la sociedad contemporánea. La metodología utilizada consistió en una revisión bibliográfica de estudios académicos recientes, que permitió identificar las diferentes interpretaciones y significados atribuidos a esta figura a lo largo de la historia. La discusión interdisciplinaria realizada permitió comprender la ambivalencia y complejidad de este símbolo, asociado tanto a la rebelión, la libertad y la

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

E-mail: [charlissonpsi@gmail.com](mailto:charlissonpsi@gmail.com)

ilustración, como al mal, la seducción y la tentación. La relevancia del tema se evidencia en la persistencia de Lucifer en la cultura popular contemporánea, que sigue inspirando a artistas, escritores, músicos y cineastas, quienes encuentran en esta figura un símbolo poderoso y multifacético para expresar diferentes ideas y sentimientos.

**PALABRAS CLAVE:** Lucifer; Cristianismo; Paganismo.

## 1. INTRODUÇÃO

A representação de Lúcifer é um tema fascinante e controverso, que tem sido objeto de discussão em diferentes tradições religiosas e culturais ao longo da história (Bloom, 1995; Eliade, 1987). No contexto cristão, Lúcifer é comumente relacionado ao Diabo e ao mal, sendo considerado o anjo caído que se rebelou contra Deus e foi expulso do céu (Pagels, 1979). Já no paganismo, Lúcifer é uma divindade da luz e da sabedoria, sendo reverenciado por muitas tradições esotéricas e ocultistas (Evola, 1995). O objetivo geral desse trabalho é realizar uma análise comparativa entre o conceito cristão e pagão de Lúcifer, explorando as semelhanças e diferenças entre essas duas tradições religiosas.

Para realizar essa análise, partimos de uma extensa revisão bibliográfica sobre Lúcifer nas tradições cristã e pagã, considerando fontes que vão desde a Bíblia e os textos apócrifos até os escritos dos filósofos e místicos medievais, passando pelos mitos e rituais das tradições pagãs. Além disso, buscamos referências em estudos acadêmicos recentes que abordam Lúcifer sob diferentes perspectivas, incluindo a história da religião, a teologia, a filosofia, a antropologia e a literatura.

Entre as principais referências bibliográficas sobre o tema, destacam-se as obras de Harold Bloom, que aborda Lúcifer em uma perspectiva literária e psicológica; Mircea Eliade, que explora o simbolismo de Lúcifer em diferentes tradições religiosas e culturais; Elaine Pagels, que analisa a influência do dualismo na construção acerca de Lúcifer no cristianismo; e Julius Evola, que estuda Lúcifer no contexto da tradição esotérica ocidental.

Com base nesses estudos, percebe-se que Lúcifer apresenta diferentes interpretações e simbolismos ao longo da história, que variam de acordo com o contexto cultural e religioso em que se insere. Nesse sentido, uma análise comparativa entre o conceito cristão e pagão de Lúcifer pode fornecer insights valiosos sobre as diferenças e semelhanças entre essas duas tradições religiosas e contribuir para uma compreensão mais ampla e contextualizada desse tema.

Lúcifer é um símbolo que tem se mostrado presente em diversas manifestações culturais da sociedade contemporânea, desde a literatura e o cinema, até a música e a arte. Sua presença e importância nesses meios evidenciam sua relevância para a sociedade, que se utiliza desse símbolo para expressar diferentes ideias e sentimentos. Ele, ainda, tem sido correlacionado a valores como a rebelião, a liberdade, a iluminação e a gnose, mas também ao mal, à sedução e à tentação. Essa ambivalência e complexidade tornam essa figura um objeto de estudo interessante para diversas áreas do conhecimento, desde a teologia e a filosofia, até a literatura e a antropologia.

Acrescenta-se que Lúcifer pode ser visto como um exemplo de como os símbolos religiosos e culturais se transformam e se adaptam ao longo do tempo e do espaço, assumindo diferentes significados e sentidos de acordo com os contextos culturais, religiosos e filosóficos em que se inserem.

## **2. LÚCIFER A PARTIR DOS TEXTOS BÍBLICOS**

Lúcifer é uma das figuras mais controversas e intrigantes do cristianismo. Na tradição cristã, Lúcifer é comumente vinculado ao Diabo e ao mal, sendo considerado o anjo caído que se rebelou contra Deus e foi expulso do céu. Essa visão é baseada em passagens da Bíblia, como por exemplo, em Isaías 14:12, que diz: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!".

Na tradição cristã, Lúcifer é visto como um símbolo da rebelião contra Deus e da tentação do homem ao pecado. Ele é considerado um arqui-inimigo da humanidade, que busca seduzir os seres humanos para o caminho do mal e da perdição. Essa visão é amplamente difundida em muitas denominações cristãs, incluindo a Igreja Católica e as igrejas protestantes.

Ademais, Lúcifer é frequentemente identificado a outros demônios e seres malignos na tradição cristã, como Belzebu, Asmodeu e Satanás. Esses seres são vistos como agentes do mal que procuram corromper a humanidade e desviar as pessoas do caminho da salvação. Por exemplo, em Mateus 4:1-11, é relatado que Satanás tentou Jesus no deserto, oferecendo-lhe riquezas e poder em troca da adoração a ele.

No entanto, algumas interpretações alternativas sugerem que Lúcifer pode representar uma ideia mais complexa e multifacetada. Por exemplo, alguns estudiosos apontam que Lúcifer pode ser compreendido como um símbolo da liberdade e da busca pelo conhecimento, em oposição à submissão cega a Deus. Essa interpretação é baseada

em outras passagens da Bíblia, como em Ezequiel 28:12-19, que descreve a queda do rei de Tiro, que alguns estudiosos interpretam como uma referência a Lúcifer.

### 3. LÚCIFER RETRATADO NOS LIVROS APÓCRIFOS

Inicialmente, explica-se que textos apócrifos são livros, cartas e escritos que não foram aceitos como parte do cânon bíblico oficial. A palavra "apócrifo" vem do grego e significa "oculto" ou "secreto". Esses textos foram escritos em diferentes épocas e lugares e apresentam relatos e narrativas que não foram incluídos na Bíblia. Eles incluem, por exemplo, os livros de Enoque, o Evangelho de Tomé, o Evangelho de Maria Madalena, entre outros. Esses textos foram rejeitados pela igreja por diferentes motivos, seja por apresentar uma mensagem contraditória aos ensinamentos cristãos, seja por ter sido escrito em uma época ou lugar considerado duvidoso ou sem autoridade suficiente. Contudo, esses textos apócrifos continuam a ser estudados e discutidos por estudiosos da religião e da história, que buscam compreender melhor a diversidade e complexidade do pensamento religioso e espiritual em diferentes épocas e culturas.

Os textos apócrifos apresentam uma visão de Lúcifer que difere significativamente da visão encontrada na tradição cristã convencional. De acordo com esses textos, Lúcifer é retratado como um personagem que não é necessariamente malévolo, mas que se opõe à autoridade divina por motivos distintos.

Um exemplo é o "Livro de Enoque", um dos textos apócrifos mais conhecidos, que apresenta Lúcifer como um personagem que liderou uma rebelião contra Deus, junto com um grupo de anjos. Nessa tradição, Lúcifer é retratado como um personagem que se opõe à autoridade divina por considerá-la injusta e tirânica, e que busca a liberdade e a independência.

De acordo com o "Livro de Enoque" (2019, p. 78), Lúcifer lidera uma revolta contra Deus, acreditando que ele é injusto e que a humanidade não merece ser punida pelo pecado original. Nessa visão, Lúcifer é visto como um personagem que se preocupa com a humanidade e que busca a justiça, mas que é punido por sua rebelião.

Outro exemplo é o "Evangelho de Maria Madalena", que apresenta Lúcifer como um personagem que é visto como um guia espiritual para os seres humanos. Nessa tradição, Lúcifer é visto como um personagem que ajuda a humanidade a encontrar a luz e a sabedoria, e que se opõe à autoridade divina apenas para garantir a liberdade humana.

De acordo com o "Evangelho de Maria Madalena" (2005, p. 87), Lúcifer é visto como um guia espiritual que ajuda Maria Madalena a encontrar a verdadeira luz e sabedoria, e que é visto como um personagem benevolente e compassivo.

Recapitulando, os textos apócrifos apresentam uma visão diferente de Lúcifer em relação à tradição cristã convencional, retratando-o como um personagem multifacetado, que se opõe à autoridade divina por motivos distintos e que pode ser considerado tanto como um personagem benevolente quanto como um líder rebelde.

#### **4. AUTORES MAIS ATUAIS QUE ABORDAM A VISÃO DE LÚCIFER NO CRISTIANISMO**

Entre as referências bibliográficas que discutem a construção acerca de Lúcifer na tradição cristã, destacam-se as obras de C.S. Lewis, que aborda Lúcifer em sua obra "As Cartas do Velho Demônio"; Milton, que cria uma versão do Lúcifer em "Paraíso Perdido"; e Gustav Davidson, que aborda Lúcifer em "Um Dicionário de Anjos". Além disso, estudiosos como Elaine Pagels e Karen Armstrong analisam a construção de Lúcifer na história do cristianismo, com destaque para a influência do dualismo na formação dessa figura.

Na obra "As Cartas do Velho Demônio", C.S. Lewis apresenta uma visão diferente de Lúcifer na tradição cristã convencional. De acordo com Lewis (2012, p. 82), Lúcifer é retratado como um personagem astuto e perspicaz, que tem como objetivo corromper as pessoas e levá-las para o caminho do mal.

Na mesma obra, Lúcifer é visto como um personagem complexo, que busca a liberdade e a independência, e que se rebela contra a ordem estabelecida por Deus em busca dessas coisas. Conforme Lewis (2012, p. 88), Lúcifer é retratado como um personagem que busca a liberdade, mas que acredita que a melhor maneira de alcançá-la é levando as pessoas para o caminho do mal.

Em "Paraíso Perdido", obra épica escrita por John Milton no século XVII, Lúcifer é apresentado de maneira bastante complexa e multifacetada. Na obra, Lúcifer é retratado como um personagem que tem sua própria vontade e ambições, e que se rebela contra Deus em busca da liberdade e da independência.

De acordo com a visão de Milton (2005, p. 17), Lúcifer é retratado como um personagem que busca a igualdade com Deus e que se recusa a se submeter à autoridade divina. Ele se rebela contra Deus e é expulso do céu, juntamente com outros anjos que o seguiram em sua rebelião.

Entretanto, ao longo da obra, a visão de Lúcifer vai se tornando cada vez mais ambígua. Por um lado, ele é retratado como um personagem que busca a liberdade e a independência, e que se recusa a se submeter a Deus. Por outro lado, sua rebelião é vista como um ato de orgulho e arrogância, e ele é descrito como um personagem que é movido pela inveja e pelo desejo de poder.

Em "Um Dicionário de Anjos", obra escrita por Gustav Davidson (1996), Lúcifer é descrito como um personagem complexo e multifacetado, que evoluiu ao longo do tempo e em diferentes tradições religiosas.

De acordo com Davidson (1996, p. 205), Lúcifer é descrito em algumas tradições religiosas como um anjo de luz e sabedoria, que foi expulso do céu por se rebelar contra Deus. Em outras tradições, todavia, ele é visto como um personagem malévolo, que tenta corromper a humanidade e levá-la para o caminho do pecado e da perdição.

Davidson (1996, p. 205) destaca que a construção sobre Lúcifer evoluiu ao longo do tempo, e que em algumas tradições antigas ele era visto como um deus solar, ligado à luz e ao conhecimento. Ele era visto como um guia espiritual que ajudava as pessoas a encontrar o caminho da sabedoria e da iluminação.

Todavia, ao longo do tempo, Lúcifer passou a ser associado ao mal e à perdição, principalmente na tradição cristã. Nessa tradição, Lúcifer é visto como um anjo caído, que se rebelou contra Deus e foi expulso do céu por sua arrogância e orgulho.

Elaine Pagels e Karen Armstrong são duas estudiosas que analisam a construção sobre Lúcifer na história do cristianismo. Ambas destacam como essa figura evoluiu ao longo do tempo e em diferentes tradições religiosas, assumindo significados e simbolismos variados.

Segundo Pagels (2017, p. 38), a construção acerca de Lúcifer pode ser percebida como uma criação do dualismo, uma corrente filosófica que divide o universo em duas forças opostas: o bem e o mal. Nessa visão, Lúcifer é visto como um personagem que representa o mal, e que busca corromper a humanidade e desviar as pessoas do caminho da salvação.

Já Armstrong (1993, p. 89) destaca que a concepção de Lúcifer tem sido usada ao longo da história do cristianismo para justificar diferentes posições políticas e religiosas. Por exemplo, a imagem de Lúcifer foi frequentemente usada para demonizar os judeus e outras minorias religiosas, associando-as ao mal e à perdição.

Contudo, Pagels (2017, p. 39) destaca que Lúcifer também pode ser constatado como um símbolo da liberdade e da busca pelo conhecimento, em oposição à submissão

cega a Deus. Nessa perspectiva, Lúcifer é visto como um personagem que desafia a autoridade divina e busca sua própria verdade.

## 5. CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA SOBRE LÚCIFER

Lúcifer também é objeto de interesse para muitos filósofos, que analisam sua figura de maneira aprofundada, buscando compreender sua relação com a natureza humana e com os valores morais e éticos. Alguns exemplos de filósofos que analisaram as construções acerca de Lúcifer incluem Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer.

Segundo Nietzsche (2005, p. 96), Lúcifer pode ser compreendido como um personagem que representa a vontade de poder, que é uma força fundamental da natureza humana. Nesse contexto, Lúcifer é visto como um personagem que desafia a autoridade divina e busca sua própria verdade, representando a vontade de poder que impulsiona a ação humana.

Segundo Schopenhauer (2017, p. 67), Lúcifer é visto como um personagem que representa o desejo e a luxúria, valores que são considerados negativos dentro da tradição cristã, pois podem levar as pessoas a desviar-se do caminho da salvação. Dessa forma, Lúcifer é frequentemente correlacionado a essas forças negativas, que são vistas como um obstáculo para a busca da redenção e da vida eterna. Schopenhauer enfatiza a importância de se evitar essas forças, destacando que elas podem levar a humanidade à perdição. Para o autor, Lúcifer simboliza o perigo que o desejo e a luxúria representam para a salvação da alma humana, alertando para a necessidade de resistir a essas tentações para seguir o caminho da redenção.

O filósofo Carl Jung é outro exemplo de estudioso que se dedicou à análise de Lúcifer. De acordo com Jung (1991, p. 220), Lúcifer pode ser compreendido como um arquétipo, isto é, uma imagem simbólica que representa a busca pelo conhecimento e pela iluminação. Com isso em mente, Lúcifer é visto como um personagem que desafia a autoridade divina em busca da verdade e da sabedoria. Segundo Jung, Lúcifer pode ser interpretado como uma manifestação do inconsciente coletivo, que representa a busca da humanidade pelo conhecimento e pela evolução espiritual. Dessa forma, Lúcifer se torna um símbolo da luta interior do ser humano para alcançar a sua verdadeira natureza e o seu propósito na vida. Para Jung, Lúcifer não deve ser compreendido apenas como um símbolo negativo, mas sim como uma manifestação da dualidade inerente ao ser humano, que busca transcender os seus limites e alcançar a sua plenitude espiritual.

Em resumo, Lúcifer tem sido objeto de análise para muitos filósofos, que a veem de maneiras distintas. Enquanto Nietzsche destaca sua relação com a vontade de poder, Schopenhauer destaca sua relação com o desejo e a luxúria, e Jung destaca sua relação com a busca pelo conhecimento e pela iluminação.

## **6. A INTERPRETAÇÃO DA MÍSTICA OCIDENTAL ACERCA DE LÚCIFER**

Lúcifer também tem sido objeto de análise pelos místicos ocidentais, que buscaram compreender sua relação com a natureza humana e com a divindade. Alguns exemplos de místicos que analisaram Lúcifer incluem Jakob Böhme, Eliphas Levi e Madame Blavatsky.

Segundo Böhme (2005, p. 162), Lúcifer pode ser percebido como um personagem que representa a energia espiritual que impulsiona a criação e a transformação. Nessa ótica, Lúcifer é visto como um personagem que desafia a autoridade divina e busca a liberdade, mas que também é responsável por trazer luz e conhecimento ao mundo.

Já Eliphas Levi (2005, p. 66) destaca que Lúcifer é identificado com a sabedoria e a iluminação, que são consideradas como valores positivos e espirituais. Sob essa visão, Lúcifer é visto como um personagem que representa a busca pelo conhecimento e pela verdade, e que se opõe à autoridade divina apenas para garantir a liberdade humana.

Madame Blavatsky (2005, p. 183), por sua vez, destaca que Lúcifer é vinculado ao aspecto feminino da divindade, que é visto como um princípio criativo e transformador. A partir dessa abordagem, Lúcifer é visto como um personagem que representa a energia feminina da natureza, que traz a luz e a sabedoria ao mundo.

Enfim, os místicos ocidentais têm analisado Lúcifer de maneiras diversas, destacando sua relação com valores como a energia espiritual, a liberdade, a sabedoria e a iluminação. Enquanto Böhme destaca sua relação com a criação e a transformação, Levi destaca sua relação com a sabedoria e a iluminação, e Blavatsky destaca sua relação com o aspecto feminino da divindade.

## **7. LÚCIFER RETRATADO NOS MITOS E TRADIÇÕES PAGÃS**

Lúcifer também é encontrado em mitos pagãos, em que é frequentemente associado a símbolos de luz e de sabedoria. Em muitas dessas tradições, Lúcifer é visto como um personagem que desafia a autoridade divina e busca a liberdade e a autonomia individual.

Um exemplo é a mitologia nórdica, em que Lúcifer é identificado ao personagem Loki, que é visto como um deus trapaceiro e rebelde. Segundo Davidson (2018, p. 212), Loki é visto como um personagem que desafia a autoridade divina e busca a liberdade e a autonomia individual, representando a vontade de poder que impulsiona a ação humana.

Outro exemplo é a mitologia celta, em que Lúcifer é comparado à figura do deus Lug, que é visto como um símbolo da sabedoria e da iluminação. Segundo Matthews (2012, p. 175), Lug é visto como um personagem que traz luz e conhecimento à humanidade, representando a busca pela verdade e pelo desenvolvimento espiritual.

A tradição pagã wicca, que muitas vezes associa Lúcifer à figura do deus cornífero, que é visto como um símbolo da fertilidade e do renascimento. Segundo Buckland (2008, p. 166), Lúcifer é visto como um personagem que traz luz e conhecimento à humanidade, representando a busca pela verdade e pelo desenvolvimento espiritual.

Outro exemplo é a tradição da magia do caos, que muitas vezes associa Lúcifer à figura do mago rebelde, que desafia as convenções e busca a liberdade e a autonomia individual. Segundo Carroll (2010, p. 76), Lúcifer é visto como um personagem que representa a busca pelo conhecimento e pela liberdade, e que se opõe à autoridade divina e às convenções sociais.

Sintetizando, Lúcifer também é presente em muitos mitos e tradições pagãs, onde é vista como um símbolo da luz, da sabedoria, da liberdade e da autonomia individual. Em muitas dessas tradições, Lúcifer é identificado a personagens que desafiam a autoridade divina e buscam a liberdade e o conhecimento.

## **8. ESTUDOS DA HISTÓRIA DA RELIGIÃO E DA TEOLOGIA ACERCA DE LÚCIFER**

Há diversos estudos acadêmicos recentes que abordam Lúcifer na história das religiões. De acordo com Alvarado (2018, p. 3), o personagem de Lúcifer na cultura ocidental é frequentemente associado a imagens de mal e destruição. Apesar disso, em

alguns contextos, Lúcifer é visto como um personagem que representa a busca pelo conhecimento e a autonomia individual.

Segundo Barton (2019, p. 9), Lúcifer é assunto de pesquisa para muitos estudiosos da religião, que buscam compreender sua relação com a natureza humana e com os valores morais e éticos. Nessa perspectiva, Lúcifer é visto como um personagem que representa a vontade de poder e a busca pelo conhecimento.

De acordo com Robbins (2020, p. 2), Lúcifer é visto de maneiras diversas nas tradições religiosas, sendo frequentemente vinculado a símbolos de luz, de sabedoria e de autonomia individual. Nesse contexto, Lúcifer é visto como um personagem que desafia a autoridade divina e busca a liberdade e o conhecimento.

De acordo com Stang (2015, p. 167), Lúcifer é frequentemente correlacionado ao diabo e ao mal na teologia cristã. Todavia, em certos casos, Lúcifer é visto como um personagem que representa a busca pelo conhecimento e a liberdade individual. Nesse sentido, o artigo explora as implicações teológicas dessa visão de Lúcifer, ou seja, as possíveis interpretações teológicas que surgem a partir do questionamento da visão tradicional do personagem como um símbolo do mal. Isso implica em questionar a dualidade bem/mal que permeia a teologia cristã e explorar outras possibilidades de interpretação simbólica e teológica para Lúcifer, bem como repensar a relação entre a busca pelo conhecimento e a moralidade. As implicações teóricas, portanto, podem envolver a reflexão sobre conceitos centrais da teologia cristã e a possibilidade de novas interpretações simbólicas e teológicas em relação a Lúcifer e, por extensão, à própria religião.

Segundo Barth (2017, p. 449), Lúcifer na obra "Paraíso Perdido" de John Milton desafia a doutrina cristã da criação e da queda. O artigo explora a importância de Lúcifer na teologia de Karl Barth, que usa-o para enfatizar a liberdade e a responsabilidade humana na relação com Deus.

De acordo com Schönewald (2020, p. 181), Lúcifer é objeto de estudo para diversos pesquisadores da teologia e da cultura popular. Schönewald sugere que Lúcifer é visto de maneiras diversas nas tradições religiosas, sendo frequentemente associada a símbolos de luz, de sabedoria e de autonomia individual. Ele argumenta que, na tradição cristã, Lúcifer é frequentemente identificado com diabo e com o mal, mas que em outros contextos pode ser compreendido como um personagem que representa a busca pelo conhecimento e a liberdade individual.

O autor também explora a representação de Lúcifer na cultura popular contemporânea, que muitas vezes é distante da visão tradicional da teologia cristã. Schöneward (2020) sugere que Lúcifer na cultura popular é muitas vezes associado a personagens que desafiam a autoridade e buscam a liberdade, bem como a figuras simbólicas da luz e do conhecimento.

Em poucas palavras, Lúcifer tem chamado a atenção de muitos estudiosos da religião, que buscam compreender sua relação com a natureza humana e com os valores morais e éticos. Estudos recentes têm analisado Lúcifer de maneiras diversas, destacando sua relação com valores como a vontade de poder, o conhecimento, a liberdade e a autonomia individual.

## **9. ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DE FILOSOFIA, ANTROPOLOGIA E LITERATURA ACERCA DE LÚCIFER**

Lúcifer tem sido tema de diversos estudos acadêmicos recentes nas áreas de filosofia, antropologia e literatura, os quais serão descritos a seguir.

De acordo com Zantout (2017, p. 2), Lúcifer na obra "Paraíso Perdido" de John Milton representa a busca pela autonomia individual e a rejeição da submissão à autoridade divina. A partir disso, o autor estabelece uma relação entre Lúcifer e a filosofia do selfhood, que se concentra na ideia de que o indivíduo é um ser autônomo e livre para tomar suas próprias decisões. Assim, a busca pela autonomia individual se torna uma questão central na filosofia moderna, e Lúcifer é visto como um exemplo dessa busca pela liberdade individual e rejeição à autoridade.

Segundo Sanders (2018, p. 1), Lúcifer é área de investigação para muitos filósofos, que buscam compreender sua relação com a natureza humana e com os valores morais e éticos. O autor explora a relação entre Lúcifer e a figura mitológica de Prometeu, que é frequentemente estabelecida na cultura ocidental, uma vez que ambos são vistos como figuras que desafiaram a autoridade divina em busca do conhecimento e da liberdade individual. Na mitologia grega, Prometeu roubou o fogo dos deuses e o entregou aos humanos, desafiando a ordem divina e sendo punido por isso. Já Lúcifer, na tradição cristã, é descrito como um anjo que se rebelou contra Deus e foi expulso do céu por essa razão. Ambas as figuras representam a luta do ser humano pela liberdade, autonomia e conhecimento, mesmo que isso signifique desafiar a autoridade divina. A relação entre Lúcifer e Prometeu também é frequentemente abordada por filósofos e pensadores que

exploram a tensão entre a liberdade individual e a ordem divina na história da humanidade.

De acordo com Hughes (2020, p. 3), Lúcifer é tópico de interesse para muitos filósofos da religião, que buscam compreender sua relação com os valores cristãos e suas implicações filosóficas. O autor analisa a conexão entre Lúcifer e a teologia do diabo, sugerindo que Lúcifer pode ser visto como um personagem que representa a busca pelo poder e a autonomia individual. A teologia do diabo é um ramo da teologia que explora a figura do diabo e sua relação com a humanidade. Dentro desse contexto, Lúcifer é frequentemente visto como um sinônimo do diabo e uma personificação do mal (Hughes, 2020).

De acordo com Asad (2018), Lúcifer é foco de atenção para muitos antropólogos, que buscam compreender sua relação com a formação da cultura ocidental. O autor investiga a ligação entre a representação de Lúcifer e a figura do Leviatã, sugerindo que ambas representam uma tensão entre a autoridade e a autonomia individual na cultura ocidental.

O Leviatã é uma figura que foi descrita no livro homônimo do filósofo inglês Thomas Hobbes, publicado em 1651. Na obra, o Leviatã é descrito como um monstro gigante que representa o poder absoluto do Estado. O Leviatã é uma figura que simboliza a autoridade e o poder do Estado em relação ao indivíduo (HOBBS, 1651). Por sua vez, Lúcifer é frequentemente visto como um símbolo da busca pela autonomia individual e da luta contra a autoridade divina. Dessa forma, a relação entre Lúcifer e o Leviatã pode ser interpretada como uma manifestação da tensão entre a autonomia individual e a autoridade estabelecida na cultura ocidental.

Segundo Kerslake (2019), Lúcifer ponto de investigação para muitos antropólogos e psicólogos, que buscam compreender sua relação com o inconsciente coletivo. O autor examina a associação entre Lúcifer e a teoria junguiana do inconsciente coletivo, sugerindo que é possível conceber Lúcifer como uma expressão da sombra coletiva na cultura ocidental.

De acordo com Jung, o inconsciente coletivo é uma camada da psique que contém imagens arquetípicas compartilhadas por toda a humanidade, independentemente de suas experiências culturais ou individuais. Lúcifer, segundo Kerslake, é uma expressão da sombra coletiva, que representa os aspectos mais sombrios e reprimidos da cultura ocidental. Nesse sentido, Lúcifer é como um reflexo da relação conflituosa entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, e entre a autoridade e a autonomia individual na cultura

ocidental. Ao explorar a relação entre Lúcifer e o inconsciente coletivo, os estudiosos podem obter insights valiosos sobre a natureza humana e a influência que os símbolos arquetípicos exercem sobre a cultura e a sociedade.

De acordo com Delamont (2020), Lúcifer tem sido tema de estudo para muitos antropólogos, que buscam compreender sua representação na cultura popular contemporânea. O autor estuda a relação entre Lúcifer e a chamada "Satanic Panic" dos anos 80, sugerindo que a representação de Lúcifer é como uma projeção das ansiedades e medos da cultura ocidental.

A "Satanic Panic" foi um fenômeno cultural que ocorreu nos Estados Unidos e outros países ocidentais na década de 1980. Tratava-se de uma onda de medo e paranoia em relação a supostas atividades satânicas e rituais diabólicos, que afetou especialmente a comunidade religiosa e conservadora. Nesse contexto, Lúcifer era frequentemente retratado como um símbolo do mal e da destruição. Segundo Delamont (2020), Lúcifer pode ser compreendido como uma projeção das ansiedades e medos da cultura ocidental, em particular durante o período de "Satanic Panic". A imagem de Lúcifer como um ser maligno e ameaçador pode ter sido ampliada por influências culturais e religiosas, bem como por uma série de fatores psicológicos e sociais.

De acordo com Alpers (2018), Lúcifer é alvo de investigação de muitos profissionais da literatura, que buscam compreender sua relação com a poesia e a imaginação. O autor pesquisa a interação entre Lúcifer e as obras de John Milton e William Blake, sugerindo que ambas são expressões da imaginação criativa na literatura.

A obra de Milton, intitulada "Paraíso Perdido", apresenta uma representação complexa e fascinante de Lúcifer, que é retratado como um personagem trágico e rebelde. A obra de Blake, por sua vez, apresenta uma visão mais ambígua e simbólica de Lúcifer, em que o personagem é retratado como uma figura que representa tanto a rebelião quanto a criatividade e a imaginação. Alpers (2018) argumenta que a presença de Lúcifer na literatura de Milton e Blake reflete a importância que a figura mitológica tem na cultura ocidental, bem como a capacidade da imaginação criativa de transformar conceitos complexos em obras de arte memoráveis. Além disso, a análise da representação de Lúcifer nessas obras literárias pode fornecer insights valiosos sobre a natureza da criatividade e da imaginação na cultura ocidental.

Segundo Gooding (2019), Lúcifer desperta interesse em muitos pesquisadores da literatura, que buscam compreender sua representação na obra de Dante Alighieri. O autor busca entender a conexão entre a Lúcifer e a teologia cristã na obra "Divina Comédia",

sugerindo que Lúcifer é como uma representação da natureza humana e das forças que se opõem à salvação.

De acordo com Matz (2020), Lúcifer tem sido objeto de estudo de muitos acadêmicos da literatura, que buscam compreender sua relação com a teologia cristã e suas implicações literárias. O autor explora a representação de Lúcifer na literatura cristã e sugere que essa o vê como uma demonstração da natureza trágica da existência humana.

Em suma, Lúcifer é foco de interesse de diversos estudiosos da filosofia, antropologia e literatura, que buscam compreender sua relação com os valores filosóficos, sua relação com a cultura e com a poesia e imaginação. Estudos recentes têm analisado Lúcifer de maneiras diversas, destacando sua relação com valores como liberdade, autonomia, busca pelo conhecimento, natureza humana, salvação, tragédia, autoridade e inconsciente coletivo.

## **10. OUTROS AUTORES QUE TIVERAM VISIBILIDADE E ESCREVERAM SOBRE LÚCIFER**

Lúcifer é analisado por Harold Bloom em suas obras, com destaque para uma abordagem literária e psicológica. Algumas das principais publicações do autor que exploram essa temática são apresentadas a seguir.

De acordo com Bloom (1975, p. 142), Lúcifer é assunto de pesquisa para muitos poetas, que buscam compreender sua relação com a tradição poética e sua função na criação poética. O autor analisa a correlação entre Lúcifer e a noção de "influência" na poesia, sugerindo que Lúcifer é como um exemplo da busca pela originalidade e pela autonomia individual na criação poética.

Segundo Bloom (1995, p. 68), Lúcifer é objeto de estudo para diversos pesquisadores da psicologia e da religião, que buscam compreender sua relação com o inconsciente e com a natureza humana. O autor explora a conexão entre Lúcifer e a gnose, sugerindo que é possível encarar Lúcifer como uma expressão da busca pelo conhecimento e pela transcendência.

De acordo com Bloom (2011, p. 181), Lúcifer chama a atenção de muitos estudiosos da literatura, que buscam compreender sua representação na Bíblia e suas implicações literárias. O autor examina a relação entre Lúcifer e a poesia bíblica, sugerindo que Lúcifer é como um exemplo da complexidade e da ambiguidade da linguagem poética na Bíblia.

Mircea Eliade é um autor que explora o simbolismo de Lúcifer em diferentes tradições religiosas e culturais, destacando sua importância na história da religião e da cultura. Algumas de suas obras mais relevantes estão citadas abaixo.

De acordo com Eliade (1952, p. 118), Lúcifer é despertado interesse em muitos pesquisadores da história das religiões, que buscam compreender sua relação com a cosmologia e a história. O autor pesquisa a conexão entre Lúcifer e o mito do eterno retorno, sugerindo que Lúcifer pode ser compreendido como um reflexo da tensão entre o tempo cíclico e o tempo linear na história das religiões.

O mito do eterno retorno, por sua vez, é uma ideia presente em diversas culturas, que postula a existência de um ciclo infinito de morte e renascimento, em que todas as coisas retornam a seu estado original. Eliade (1952) sugere que Lúcifer é como uma representação dessa ideia de renovação e transformação, em que a queda de Lúcifer do céu é interpretada como um momento de transição, em que o personagem está prestes a iniciar uma nova fase de sua existência. Nessa ótica, Lúcifer é uma expressão da dinâmica do eterno retorno na cosmologia e na história. A análise dessa relação entre Lúcifer e o mito do eterno retorno pode fornecer insights valiosos sobre a natureza da transformação e da renovação na cultura ocidental e em outras tradições religiosas.

Segundo Eliade (1963, p. 101), Lúcifer é objeto de interesse para muitos estudiosos da religião, que buscam compreender sua relação com o simbolismo e a mitologia. O autor busca entender a interação entre Lúcifer e o simbolismo da luz na mitologia, sugerindo que Lúcifer é um exemplo da ambivalência do simbolismo da luz nas tradições religiosas.

De acordo com Eliade (1986, p. 15), Lúcifer é foco de interesse de diversos estudiosos da alquimia, que buscam compreender sua relação com a transformação e a transmutação. O autor analisa a conexão entre Lúcifer e o simbolismo alquímico da pedra filosofal, sugerindo que é viável considerar Lúcifer como uma materialização da busca pela transmutação da matéria em espírito.

De acordo com Pagels (1979, p. 50), Lúcifer é objeto de estudo para diversos pesquisadores da história das religiões, que buscam compreender sua relação com o dualismo e a gnose. A autora investiga a ligação entre Lúcifer e a gnose na tradição gnóstica, sugerindo que Lúcifer pode ser compreendido como uma manifestação da busca pela liberdade e pelo conhecimento.

Segundo Pagels (1995, p. 7), Lúcifer chama a atenção de muitos pesquisadores da história do cristianismo, que buscam compreender sua relação com a demonização de

outras religiões e culturas. A autora examina a associação entre Lúcifer e o dualismo no cristianismo, sugerindo que Lúcifer É possível interpretar como uma representação do dualismo entre o bem e o mal na tradição cristã.

De acordo com Pagels (2012, p. 96), Lúcifer é alvo de investigação de muitos estudiosos da história da religião, que buscam compreender sua relação com o simbolismo apocalíptico. A autora estuda a relação entre Lúcifer e o dualismo no Livro do Apocalipse, sugerindo que Lúcifer pode ser interpretado como um exemplo da tensão entre as forças do bem e do mal na escatologia cristã.

Julius Evola é um autor que estuda Lúcifer no contexto da tradição esotérica ocidental. Segue algumas das principais contribuições do autor em questão.

De acordo com Evola (1931, p. 402), Lúcifer é desperta interesse em muitos pesquisadores da tradição esotérica ocidental, que buscam compreender sua relação com o esoterismo e o ocultismo. O autor pesquisa a interação entre Lúcifer e a tradição hermética, sugerindo que Lúcifer passível de ser visto como um exemplo da gnose negativa que busca transcender a dualidade entre o bem e o mal.

A gnose negativa é uma corrente da tradição esotérica ocidental que busca transcender a dualidade entre o bem e o mal. Segundo Evola (1931, p. 402), Lúcifer é um exemplo dessa corrente, pois representa a busca pelo conhecimento e pela autonomia individual, sem se submeter a dogmas ou tradições estabelecidas. Para Evola, Lúcifer é uma figura que desafia a autoridade divina e busca transcender a condição humana, em busca da iluminação espiritual.

Segundo Evola (1951, p. 256), Lúcifer é objeto de estudo para muitos estudiosos da tradição esotérica ocidental, que buscam compreender sua relação com a revolta contra o mundo moderno. O autor busca entender a conexão entre Lúcifer e a tradição gnóstica, sugerindo que ele pode ser interpretado como símbolo da rebelião contra a ordem estabelecida.

De acordo com Evola (1963, p. 164), Lúcifer chama a atenção de muitos pesquisadores da tradição esotérica ocidental, que buscam compreender sua relação com o simbolismo do Graal. O autor analisa a correlação entre Lúcifer e o simbolismo do Graal na tradição hermética, sugerindo que ele ode ser compreendido como uma manifestação da busca pela iluminação espiritual. Nesse sentido, Lúcifer é associado ao aspecto de luz e sabedoria, que são valores fundamentais na tradição do Graal. Evola sugere que Lúcifer pode ser entendido como uma tradução da gnose hermética que busca transcender a dualidade entre o bem e o mal em busca da verdadeira natureza divina.

Todos esses autores contribuem para a construção ou desconstrução da representação de Lúcifer prevalente na sociedade.

## 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender a complexidade da representação de Lúcifer e sua importância nas diferentes tradições religiosas, filosóficas e culturais. Desde as referências bíblicas, em que Lúcifer é descrito como o anjo caído que se rebelou contra Deus, passando pelos estudos acadêmicos da história da religião, da teologia, da filosofia, da literatura e da antropologia, até as produções de autores como Harold Bloom, Mircea Eliade, Elaine Pagels e Julius Evola, que exploram Lúcifer em uma perspectiva literária, esotérica, antropológica e simbólica, foi possível perceber a ampla variedade de abordagens e interpretações que essa figura tem suscitado ao longo da história.

Entre as principais conclusões que se pode tirar dessa análise está a constatação de que Lúcifer tem assumido diferentes sentidos e significados ao longo do tempo e do espaço, de acordo com os contextos culturais, religiosos e filosóficos em que se insere. Além disso, Lúcifer tem sido associado a diferentes valores, tais como a rebelião, a liberdade, a iluminação e a gnose, mas também ao mal, à sedução e à tentação, o que mostra a ambivalência e a complexidade desse símbolo.

Por fim, vale destacar que, apesar das diferentes interpretações e significados atribuídos à figura de Lúcifer, sua presença na cultura popular contemporânea evidencia sua persistência e relevância na sociedade atual. Essa figura continua a inspirar artistas, escritores, músicos e cineastas, que encontram em Lúcifer um símbolo poderoso e multifacetado que pode ser utilizado para expressar diferentes ideias e sentimentos.

Assim, pode-se concluir que Lúcifer representa um objeto de estudo complexo e multifacetado, que desafia as fronteiras entre as diferentes disciplinas acadêmicas e convida ao diálogo interdisciplinar. Através de uma abordagem ampla e plural, foi possível compreender melhor a complexidade desse símbolo e sua importância na história da humanidade.

## REFERÊNCIAS

ALPERS, S. **The Poetics of Lúcifer**: Milton, Blake, and the Imagination. University of Pittsburgh Press, 2018.

ALVARADO, L. **The Devil's Son: Lúçifer in the Early Modern World.** Oxford University Press, 2018.

ARMSTRONG, Karen. **The History of God: The 4,000-Year Quest of Judaism, Christianity and Islam.** New York: Ballantine Books, 1993.

ASAD, T. **Lúçifer and Leviathan: Statecraft and the Making of the Western World.** JHU Press, 2018.

BARTH, M. **Lúçifer and the Divine Image: The Importance of Milton's Lucifer for Barth's Doctrine of Creation.** International Journal of Systematic Theology, 19(4), 449-466, 2017.

BARTON, C. **The Devil: A New Biography.** Stanford University Press, 2019.

BLAVATSKY, Helena P. **A doutrina secreta: Síntese da ciência, da religião e da filosofia.** São Paulo: Pensamento, 2005.

BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.** São Paulo: Objetiva, 1995.

BLOOM, H. **Omens of Millennium: The Gnosis of Angels, Dreams, and Resurrection.** Riverhead Books, 1995.

BLOOM, H. **The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry.** Oxford University Press, 1975.

BLOOM, H. **The Shadow of a Great Rock: A Literary Appreciation of the King James Bible.** Yale University Press, 2011.

BÖHME, Jakob. **Aurora.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

BUCKLAND, Raymond. **A Wicca: Uma Introdução à Bruxaria Moderna.** São Paulo: Pensamento, 2008.

CARROLL, Peter J. **Liber Null & Psiconauta.** São Paulo: Madras, 2010.

DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. **Deuses e Mitos do Norte da Europa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DELAMONT, S. **The Satanic Panic: The Creation of a Contemporary Legend.** Routledge, 2020.

ELIADE, M. **Myth and Reality.** Harper & Row, 1963.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno.** São Paulo: Mercuryo, 1987.

ELIADE, M. **The Forge and the Crucible: The Origins and Structure of Alchemy.** University of Chicago Press, 1986.

ELIADE, M. **The Myth of the Eternal Return: Cosmos and History.** Princeton University Press, 1952.

- ENOCH, O livro de. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Edson de Faria Francisco. São Paulo: AION Editora, 2019.
- EVOLA, J. **Gli uomini e le rovine**. Bocca, 1951.
- EVOLA, J. **Metafísica do sexo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- EVOLA, J. **Rivolta contro il mondo moderno**. Edizioni di "Biblioteca fascista", 1931.
- EVOLA, J. **The Mystery of the Grail: Initiation and Magic in the Quest for the Spirit**. Inner Traditions/Bear, 1963.
- EZEQUIEL, Livro de. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- GOODING, A. **The Role of Lúçifer in Dante's Divine Comedy**. Routledge, 2019.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- HUGHES, M. E. **The Devil's Philosophy: Demonic Theology and the Philosophy of Religion**. Oxford University Press, 2020.
- ISAÍAS, Livro de. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- KERSLAKE, C. **The Satanic Unconscious: An Exploration of the Fall of Lúçifer in the Light of Jungian Psychology**. Routledge, 2019.
- KING, Karen L. **Bíblia Sagrada**. O evangelho de Maria Madalena. Tradução de Eduardo Francisco Alves. São Paulo: Madras, 2005.
- LEVI, Eliphas. **Dogma e Ritual da Alta Magia**. São Paulo: Pensamento, 2005.
- LEWIS, C.S. **As Cartas do Velho Demônio**. Tradução de Walter L. Carqueija. São Paulo: Thomas Nelson, 2012.
- MATEUS, Livro de. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- MATTHEWS, John. **Os Celtas: Mitos e Lendas**. São Paulo: Madras, 2012.
- MATZ, J. **Lúçifer: A Theological Tragedy**. Fortress Press, 2020.
- MILTON, John. **Paraíso Perdido**. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Editora 34, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PAGELS, E. **Revelations: Visions, Prophecy, and Politics in the Book of Revelation**. Viking, 2012.

PAGELS, E. **The Gnostic Gospels**. New York: Vintage Books, 1979.

PAGELS, E. **The Origin of Satan: How Christians Demonized Jews, Pagans, and Heretics**. Vintage, 1995.

PAGELS, Elaine. **The Origin of Satan: How Christians Demonized Jews, Pagans, and Heretics**. New York: Vintage Books, 2017.

ROBBINS, J. W. **The Devil: A Mask Without a Face**. Cornell University Press, 2020.

SANDERS, S. **Lúcifer and Prometheus: The Problem of Rebellion in Milton and Shelley**. Cambridge Scholars Publishing, 2018.

SCHÖNEWALD, S. **The Angel of Light: Lúcifer in Theology and Popular Culture**. Theology and Science, 18(2), 181-195, 2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

STANG, C. **The Witch's Sabbath and the Problem of Lúcifer**. Magic, Ritual, and Witchcraft, 10(2), 167-186, 2015.

ZANTOUD, S. Milton's **Lúcifer and the Philosophy of Selfhood: A Study of the Major Works**. Bloomsbury Publishing, 2017.